

Ecofeminismo em cordel: as sementes da Aldeia da Luz em solo francês

Ecoféminisme en ‘cordel’: les graines de l’Aldeia da Luz en sol français

Karina Marques¹

Resumo: Nosso artigo propõe analisar o poema de cordel *O dia em que Padre Cícero recebeu os mandamentos ecológicos da Mãe das Dores*, de autoria de Sandra Alvino, como um texto subversivo ecofeminista, que desconstrói o discurso de poder das instituições patriarcais sobre o gênero feminino e o meio ambiente. Criado como instrumento de uma campanha de reflorestamento promovida pelo Instituto de Permacultura da Caatinga Aldeia da Luz, o texto reveste-se de um caráter político transfronteiriço ao ser inserido na coleção de cordel feminino Fanka Santos da Universidade de Poitiers. Após enquadrar este cordel dentro do “ciclo ecológico” (Nogueira, 2013) e do movimento “ecofeminista” (Gaard, 2011), numa perspectiva “interseccional” (Crenshaw, 1989), analisaremos como ele pode ser compreendido como uma iniciativa político-textual à luz do pensamento ecofeminista. Realçaremos, em nossa análise, a “(re)invenção do nordeste” nele promovida (Albuquerque Jr., 2011), assim como a forte presença de uma “corporeidade” feminina (Zumthor, 2007). Discutiremos, por fim, a importância do gesto arquivístico de Fanka Santos como uma reparação histórica com relação ao apagamento de vozes femininas da historiografia do cordel.

Palavras-chave: ecofeminismo; cordel; Sandra Alvino; Fanka Santos; Raymond Cantel.

Résumé : Notre article propose d’analyser le poème de « cordel » *O dia em que Padre Cícero recebeu os mandamentos ecológicos da Mãe das Dores*, de Sandra Alvino, comme un texte subversif écoféministe, qui déconstruit le discours de pouvoir des institutions patriarcales sur le genre féminin et l’environnement. Conçu comme instrument d’une campagne de reboisement promue par l’Institut de Permaculture de la Caatinga Aldeia da Luz, le texte acquiert une portée politique transfrontalière en étant intégré à la collection de cordel féminin *Fanka Santos* de l’Université de Poitiers. Après avoir situé ce « cordel » dans le cadre du « cycle écologique » (Nogueira, 2013) et du mouvement « écoféministe » (Gaard, 2011), dans une perspective « intersectionnelle » (Crenshaw, 1989), nous analyserons comment il peut être compris comme une initiative politico-textuelle à la lumière de la pensée écoféministe. Nous mettrons en évidence, dans notre analyse, la « (ré)invention du Nordeste » qui y est opérée (Albuquerque Jr., 2011), ainsi que la forte présence d’une « corporéité » féminine (Zumthor, 2007). Nous discuterons enfin de l’importance du geste archivistique de Fanka Santos en tant que réparation historique face à l’effacement des voix féminines de l’historiographie du cordel.

Mots-clé: ecoféminisme; cordel; Sandra Alvino; Fanka Santos; Raymond Cantel.

¹ Professora/Pesquisadora associada (« maîtresse de conférences”) de literatura brasileira na Universidade Sorbonne Nouvelle, afiliada ao CREPAL (“Centre de Recherches sur les Pays Lusophones”).

1 Ecofeminismo em cordel

Temática cara à literatura de cordel em razão da especificidade do ecossistema e dos problemas socioambientais do seu berço histórico de produção, o ciclo “natureza e meio ambiente” ou “ecologia” poderia ser incluído, a partir da década de 70, dentro das classificações propostas por Leonardo Mota e Ariano Suassuna (Nogueira, 2013). Se a análise literária de folhetos dentro dessa temática tem despertado o interesse dos pesquisadores nos últimos trinta anos, em razão dos vários eventos de mobilização ambiental internacional ocorridos, temos por objetivo, neste estudo, nos centrar dentro de um subcampo do ciclo ecológico, que une a causa feminista e ecológica, sob uma perspectiva “interseccional” (Crenshaw, 1989). Os textos aí produzidos, escritos na sua grande maioria por vozes autorais femininas, exprimem uma dupla inquietação social: aquela da necessidade de luta contra a opressão/agressão às mulheres, somada a um combate semelhante em defesa dos demais seres vivos e do meio ambiente que os acolhe. Dentro dessa perspectiva, no meio do cordel, a poetisa Auritha Tabajara, nascida em Ipueiras, no Ceará, no seio do povo indígena Tabajaras, pode ser apontada como uma referência, sendo hoje conhecida como a primeira cordelista indígena do Brasil.

No universo masculino, célebres cordelistas, como Patativa do Assaré, já haviam se exprimido sobre a causa ecológica com uma postura política, diferente da simples sublimação lírica da natureza do sertão, num viés mais próximo da ecocrítica do que da ecopoética. A esse propósito, Carlos Nogueira afirma que

a literatura de cordel brasileira privilegiou sempre temas e motivos relacionados com a natureza e o ambiente. Em folhetos tão diferentes como os históricos e os maravilhosos, os religiosos e os satíricos, os poetas têm celebrado o sertão, a fauna e a flora, a serra, o sol e o mar do Brasil. Mas na terra brasileira há também desastres naturais que autores como Patativa do Assaré descrevem de modo emocionado e, muitas vezes, interventivo (Nogueira, 2012, p. 185).

Michel Collot, em texto que confronta a ecocrítica e a ecopoética, explica que

ambas têm por objeto as representações da relação entre o homem e a natureza, mas a ecocrítica dedica-se principalmente a revelar e, muito frequentemente, a denunciar as implicações ideológicas e políticas, enquanto que a ecopoética, sem ignorar o seu contexto social e histórico, estuda a sua forma e sua dimensão especificamente literária² (Collot, 2023, s/p).

² Tradução nossa: “Toutes deux ont pour objet les représentations du rapport entre les hommes et la nature, mais l'éco-critique s'attache principalement à en dégager, et souvent à en dénoncer, les implications idéologiques et
Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 28, jul-dez, p. 6-22, 2025 - 2ª edição

Também na década de 70, o “ecofeminismo” surgiu como campo de estudos específico, alinhado ao pensamento ecocrítico, a partir de textos fundamentais como *Gyn/Ecology* (1978) de Mary Daly, *Woman and Nature* (1978) de Susan Griffin, e *The Death of Nature* (1980) de Carolyn Merchant. Contra a dominação do patriarcado, na sua ocupação pela força coercitiva destruidora de alteridades humanas e não-humanas, impuseram-se essas vozes autorais. O ecofeminismo realça, assim, as interseções entre a pesquisa feminista e os diversos movimentos por justiça social e defesa ambiental, revelando opressões interligadas de gênero, ecologia, raça, espécie e nação. Greta Gaard, estudando esse campo epistemológico a partir do texto pioneiro do ecofeminismo radical, *Gyn/Ecology* (1978), afirma que ele “expôs a perseguição histórica e intercultural das mulheres, legitimada pelas diversas instituições dominadas por homens, como a religião, a cultura e a ciência médica” (Gaard, 2011, p. 28).

Pretendemos analisar, dentro da ótica ecofeminista, o folheto de cordel *O dia em que Padre Cícero recebeu os mandamentos ecológicos da Mãe das Dores*, de autoria de Sandra Alvino e ilustração de Joseph Olegario, criado a partir de uma ideia de enredo concebida colaborativamente por Francisca Pereira dos Santos (Fanka Santos), Rejane Ferreira e Sandra Alvino, membros do Instituto de Permacultura da Caatinga Aldeia da Luz.

Fundado em 2002, sob o nome de Confraria das Artes, o Instituto de Permacultura da Caatinga Aldeia da Luz está sediado na cidade de Barbalha, Ceará. Sem fins lucrativos, desenvolve ações bioempreendedoras, pesquisas, projetos e programas em educação ambiental, permacultura, veganismo, arte, saúde e espiritualidade. É conveniado com a Universidade Federal do Cariri (UFCA), com a qual estabelece parcerias de apoio à especialização *latu-sensu* em permacultura - sistema de design para recuperação de ecossistemas, entre outras atividades acadêmicas. Na parte científica, faz também colaborações com o Instituto Novo Sol, cofinanciador da impressão dos folhetos de Sandra Alvino. Este instituto, sediado em Juazeiro do Norte, busca promover o desenvolvimento sustentável e social da região do Cariri, por meio de pesquisas sobre o uso de plantas nativas para a melhoria da qualidade nutricional da alimentação dos seus habitantes e para finalidades farmacêuticas. Por fim, na área cultural, o Instituto Aldeia da Luz é parceiro da Rede Mnemosine de Mulheres Cordelistas, Cantadoras e Xilógrafas, criada pela artista Josy Correia, da Cia. Catirina, assim como do projeto Trovadoras Itinerantes, iniciativas inspiradas pelas pesquisas de Fanka Santos.

politiques, tandis que l'éco-poétique, sans ignorer leur contexte social et historique, étudie leur mise en forme et leur dimension spécifiquement littéraire”.

A precursora da história do Instituto Aldeia da Luz é justamente a pesquisadora de cordel e cordelista Fanka Santos, referência incontornável nas pesquisas sobre cordel de autoria feminina. Atualmente professora na área de Biblioteconomia na Universidade Federal do Cariri (UFCA), foi também coordenadora da especialização *latu-sensu* em permacultura dessa mesma universidade, unindo sempre o compromisso ecológico à literatura. No sonho de fundação do Instituto Aldeia da Luz, foi acompanhada pela nutricionista Rejane Ferreira, membro cofundadora e atual presidenta, que esteve à frente dos projetos “Crua” e “Mãe Natureza”, restaurantes de comida vegetariana. A elas juntaram-se, mais tarde, outras duas mulheres que hoje formam a direção do instituto, numa forte rede de sororidade engajada na luta pela natureza: a vice-presidenta Edna de Souza Silva, mestra de reiki e coordenadora do projeto de plantas medicinais “Mudas que falam”; e a poetisa Sandra Alvino, mestranda em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA), membro do conselho fiscal do instituto, contadora de histórias e cordelista com diversos folhetos publicados desde 2011.

Enquanto instrumento de uma campanha de reflorestamento lançada pela Aldeia da Luz, o cordel que tomaremos como objeto de estudo foi publicado em 2015 e impresso em tinta verde e papel reciclado. Ao folheto de formato convencional de 11x16 cm, foi grampeado um pequeno saco contendo 9 sementes variadas de algumas plantas do sertão do Cariri, conhecidas, vulgarmente, pelos nomes de chapéu de Napoleão, açaí, sabiá, timbaúba, pinha e moringa. Ele foi distribuído em diversos pontos de passagem de romarias em Juazeiro do Norte.

Os 11 “mandamentos ecológicos do Padre Cícero”, apresentados na segunda capa, foram, na realidade, ditados por Nossa Senhora das Dores ao sacerdote, em aparição mística. As 8 páginas apresentam versos criados dentro de uma estrutura métrica tradicional de cordel, com sextilhas heptassilábicas e rimas em todos os versos pares. O posfácio do folheto na terceira capa, voltado ao leitor romeiro, público principal a quem o folheto foi vendido, torna evidente a intenção de intervenção social do texto, através da formação ecológica da população. De forma sutil, o poema subverte valores patriarcais presentes na igreja católica como instituição de poder, sem profanar a figura de Padre Cícero.

No âmbito das festividades marcando a Temporada Cruzada França-Brasil de 2025, o folheto chegou até os anfiteatros, salas de aula e arquivos da Universidade de Poitiers através de Fanka Santos, professora convidada por essa universidade para uma estadia durante todo o mês de fevereiro desse ano. A pesquisadora e poetisa ministrou aulas sobre a autoria feminina em cordel e o tema da ecologia a alunos de português do bacharelado e mestrado da Faculdade de Letras dessa instituição. Além disso, encarregou-se pessoalmente da atualização da sua

coleção de cordéis, doada em 2013 ao Acervo Raymond Cantel, sob a custódia do *Centre de Recherches Latino-Américaines-Archivos* (CRLA-Archivos). Este centro de pesquisas da Universidade de Poitiers é detentor de arquivos de grandes intelectuais e pesquisadores latino-americanos e é responsável pela edição e publicação da coleção *Archivos*³. Trata-se de um acervo único, no qual se inclui o texto de Sandra Alvino, constituído exclusivamente por poemas de mulheres cordelistas. Através dos versos da sua companheira do Instituto de Permacultura da Caatinga Aldeia da Luz, Fanka continuou essa campanha de reflorestamento da caatinga em continente europeu, divulgando ao mundo a filosofia desse grupo ecológico criado por um forte sentido de sororidade.

2 A subversão ecofeminista da figura de Padre Cícero no poema de Sandra Alvino

O Padre Cícero Romão Batista, conhecido popularmente como “Padim Ciço” (Crato, 1844 – Juazeiro do Norte, 1934), é um ícone religioso maior do Nordeste brasileiro, atraindo milhares de romeiros até Juazeiro do Norte, cidade na qual exerceu o seu sacerdócio. O professor e pesquisador francês Raymond Cantel (1914-1986) analisa-o como um “messias nacional, muito mais próximo do coração dos brasileiros”, que se destacou em relação ao “messias do colonizador”⁴, em referência ao mítico rei português Dom Sebastião, sobre o qual fez suas pesquisas. O poder do “messias nacional” não se conteve, no entanto, à esfera religiosa, tendo exercido influência concreta na vida política do Ceará, pois foi o primeiro prefeito de Juazeiro do Norte, em 1911; e fez parte do “pacto dos coronéis”, aliança de dezesseis líderes regionais para apoiar o governador Antônio Pinto Nogueira Accioli, que marcou a história do coronelismo brasileiro.

Sua popularidade cresceu substancialmente após o caso conhecido como “o milagre da hóstia”, ocorrido em primeiro de março de 1889, quando a beata Maria de Araújo, de nome

³ A Coleção *Archivos*, criada por Amos Segala em 1984, é uma coleção de renome internacional dedicada às obras principais de escritores latino-americanos e caribenhos, em língua original, nas quatro línguas do continente (espanhol, português, francês e inglês). Ela oferece edições críticas e genéticas estabelecidas a partir dos manuscritos e dos documentos de gênese, bem como um número significativo de artigos dedicados às obras publicadas, uma biografia do(a) autor(a) e uma bibliografia exhaustiva. No que se refere à língua portuguesa e ao Brasil, nomes como Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Gilberto Freyre, Lima Barreto, Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Oswald de Andrade têm volumes publicados nessa coleção. Para mais informações: <http://crla-archives.labo.univ-poitiers.fr/la-collection-archives/>.

⁴ O documento de referência não foi publicado e não está disponível on-line. Número de cota dentro da coleção biobibliográfica do Acervo Raymond Cantel: RC-AA1-007. Artigo publicado em novembro de 1976 no jornal *O Saco* de Belo Horizonte, intitulado “As Profecias na literatura Popular do Nordeste”, traduzido para o português por Berenice Xavier. A versão original em francês foi publicada na revista *Caravelle : Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, em 1970.

completo Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo (Juazeiro do Norte, 1861-1914), passou a verter lágrimas de sangue, após receber a hóstia das mãos de Padre Cícero. Este episódio polêmico, que deu ao sacerdote o estatuto de celebridade nacional e transformou Juazeiro do Norte num destino de peregrinação de milhares de pessoas, foi motivo de suspeita pelos líderes eclesiásticos superiores na época, chegando, inclusive a ser alvo de investigações do Tribunal do Santo Ofício. O caso foi de tal forma marcante que, em 2006, mais de cem anos após a primeira manifestação do milagre, num contexto mundial de enfraquecimento da Igreja Católica e da necessidade de apoio popular, o Papa Bento XVI solicitou uma reavaliação dos documentos secretos que resultaram na expulsão de Padre Cícero.

A ascensão do sacerdote foi, no entanto, acompanhada pelo declínio da beata Maria de Araújo, que passou seus últimos anos em reclusão numa casa de caridade. O afastamento social dessa mulher, negra e pobre, viria a ser acompanhado, anos mais tarde, de um apagamento material da sua existência, com o desaparecimento misterioso do seu corpo do cemitério no qual fora enterrada, em Juazeiro do Norte. A sua versão dos fatos nunca foi, portanto, conhecida. Ela foi subjugada pela força do patriarcado encarnada por um homem que dela se serviu para alcançar popularidade muito além do seu curral religioso e eleitoral, erigindo-se como um “messias nacional”.

De forma astuciosa, sem profanar a figura de Padre Cícero, o que poderia vir a ferir a fé da população local, as companheiras da Aldeia da Luz criaram um enredo que permite representar o sacerdote submisso ao poder feminino, pois quem dita os mandamentos é a “Mãe das Dores”. “Padim Ciço” já havia reconhecido o poder dessa mulher ao mandar construir, em 1875, o templo que é hoje conhecido como a “Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores”. No enredo do poema, o padre é mero servo que executa as ordens de preservação ambiental de uma entidade sagrada que encarna o arquétipo maior do poder gerador – e aqui, sobretudo, regenerador – feminino:

Essa história comovente
Deu-se com a aparição
De Maria, Mãe das Dores
À [sic] padre Cícero Romão,
Quando a ele entregou
As tábuas da salvação!

Gravadas com perfeição
Em tábuas de Umburana
Padre Cícero recebeu
À sombra da cajarana
Os preceitos, mandamentos,
Dessa santa soberana (Alvino, 2015, p. 2).

O “messias nacional” assume, nestes versos, a imagem de um moisés regional, homem do seu povo, que recebe as tábuas da salvação de uma mulher poderosa e as apresenta aos seus conterrâneos do deserto sertanejo brasileiro, na esperança de reflorestá-lo, fazendo renascer um espaço verdejante. A “Mãe das Dores”, representação maior do sacrifício e sofrimento feminino materno, é aqui designada como “santa soberana”. Ela é, no poema, comandante do renascimento, e não mais apenas uma serva do “Senhor”, subjugada ao desejo de uma entidade criadora superior representada por uma figura masculina. A esse propósito, Simone de Beauvoir afirma que a maternidade foi manipulada pela Igreja de forma a controlar o grande mistério da humanidade do qual a mulher é portadora: “é como Mãe que a mulher era temível; é na maternidade que é preciso transfigurá-la e subjugá-la”⁵ (Beauvoir, 1993, p. 284).

A Santa escolhe a “umburana”, árvore típica da caatinga muito utilizada nas matrizes de xilogravura, como material de suporte para registrar seus mandamentos ecológicos, inscrevendo assim a natureza e a cultura nordestina nesse projeto maior de resistência ambiental. Mas a execução desses mandamentos não segue uma lógica de imposição superior coercitiva, com ameaças divinas como o envio de pragas ou a ocorrência de desastres naturais em caso de desobediência. Trata-se de uma “convocação” popular para a realização de uma missão coletiva:

O assunto é importante,
É também convocação
Feito pelo padre Cícero,
Que com muita gratidão
Nos deixou esse legado
Para todos, em missão! (Ibidem, p. 1).

Mais à frente, contrariando a ideia de primazia epistemológica do colonizador, num claro gesto de reparação histórica, o poema aponta para os povos ancestrais como os primeiros conhecedores dos mandamentos ecológicos de Mãe das Dores, numa relação de proximidade desses povos com o sagrado. Assim, a “mãe d’água kariri”, entidade étnica mítica protetora dos rios, e o “índio, nosso irmão amigo” já conheciam esses segredos para a proteção da natureza antes mesmo de Padre Cícero. E, dentro desta ótica, a avó cabocla do eu-lírico feminino, no seu papel de educadora doméstica através da oralidade, está à frente do sacerdote católico com a sua catequese. A autoridade dessa mulher indígena é patente, pois é ela que atesta a veracidade

⁵ Tradução nossa : “C’est comme Mère que la femme était redoutable ; c’est dans la maternité qu’il faut la transfigurer et l’asservir”.

da mensagem por ele transmitida. Uma relação de sororidade transgeracional torna possível, portanto, a realização do poema, numa cadeia de transmissão oral na qual as mulheres têm o protagonismo, como podemos ver nas estrofes abaixo:

Mãe das Dores inspirou
 Todo um povo ancestral
 Os xamãs já conheciam
 O segredo, o ritual
 De guardar toda a semente
 Um tesouro natural

Minha avó, uma cabocla
 Disso tudo conhecia,
 Quando ouviu o padre Cícero
 Confirmou a profecia
 Já guardada pelos índios
 De um tempo que viria!

Era um tempo muito quente
 De muita devastação
 A floresta destruída
 E no ar poluição...
 Porém tudo poderia
 Se mudar com a plantação

A mãe d'água kariri
 E o índio, nosso irmão,
 Desse tempo já sabia,
 Mas não houve condição
 De levar esse segredo
 Para todo esse sertão!

A partir desse contato
 Mãe das dores prometeu
 Ajudar nosso Nordeste
 Onde a mata se perdeu
 Com a força do romeiro,
 Esperança renasceu! (Ibidem, p. 3).

A catástrofe prenunciada pela profecia revelada no poema não é irreversível, não é conotada como um castigo dado por um “Pai” virulento aos seus filhos. A “Mãe” faz prova de benevolência ao partilhar o mal presságio com a humanidade, dando aos seus filhos a oportunidade de exercer o seu livre arbítrio para salvar o planeta. O caráter interventivo deste folheto é explicitado nesta última estrofe pelo apelo à esperança encarnada na figura do romeiro. Na sua fé inabalável que o faz percorrer longínquas distâncias por uma causa maior, ele é o leitor/ouvinte modelo ideal para a recepção das orientações de reflorestamento do Instituto Aldeia da Luz. E nos seus deslocamentos, serão os romeiros também transmissores dessa palavra divina revelada por uma imagem feminina e inscrita por uma mulher autora de cordel.

Fazendo uso de um vocabulário oriundo do campo lexical religioso - “mandamentos”, “ritual”, “profecia” - a repercussão da mensagem ecológica ganha uma força acrescida junto a esses leitores/ouvintes. É importante destacar que a figura do romeiro se opõe aqui àquela do retirante que se desloca por falta de opção e não por vontade própria; o romeiro é agente do seu próprio destino. O retirante, personagem tão abundantemente difundido na imprensa e na literatura brasileira, faz parte das imagens da invenção do Nordeste por oposição ao Sul, num movimento de reivindicação de diferenças regionais surgido a partir da segunda metade do século XIX, no contexto da unificação forçada pelo governo imperial brasileiro após a independência. Assim, o homem nordestino criado pela intelectualidade sulista, é o retirante que, nos termos do artista modernista paulistano Menotti del Picchia, está “em luta aberta com o meio”, é “nômade e mal fixo à terra, sem capacidade orgânica para estabelecer uma civilização mais duradora” (Albuquerque Jr., 2011, p. 120).

O romeiro do poema oferece um contradiscurso ao estereótipo do homem nordestino inventado pelo Sul, pois ele é um personagem resiliente ao meio agreste do sertão e um inconformado. Enquanto ser portador de esperança, não se deixa abater ou endurecer internamente, pois ele tem um objetivo missionário que o faz se deslocar. Ele é, portanto, o legatário ideal da missão de preservar a biodiversidade do sertão, que abunda no poema através de uma profusão lexical remetendo à flora da caatinga. A produção imagética criada no poema para representar o sertão e o povo nordestino é, portanto, oposta à ideia de que o sertanejo estaria “condenado pelo clima e pela raça à decadência” (*Ibidem*, 2013, p. 71) e de que o Padre Cícero reforçaria uma imagem de “fanatismo e loucura religiosa que acompanha os nordestinos até hoje” (*Ibidem*, p. 73). No poema, ele é o “messias nacional”, que dá o exemplo de civilidade ecológica ao mundo, mas isso só é possível graças à inspiração de uma força sagrada feminina, geradora e regeneradora de vida.

As ordens do estado e da religião não tendo o mesmo valor para o sertanejo, o que poderia ser percebido como uma mensagem autoritária, obrigando-o a preservar o meio ambiente, acaba por adquirir uma dimensão inclusiva, que o faz se sentir digno da confiança de entidades sagradas superiores. Ele sublima-se, assim, saindo da sua condição de invisibilidade e de inferioridade aos olhos da elite econômica e política dominante do país. Por isso, a estratégia discursiva de reproduzir a voz de Padre Cícero no poema, enquanto mensageiro de Mãe das Dores, é bastante engenhosa para produzir o engajamento social desejado. O uso do imperativo no poema não possui, portanto, o efeito castrador, inibidor, convencional. Trata-se de uma “frase performativa” (Austin, 1970, p. 113), que, segundo o conceito linguístico de John

L. Austin, produz uma reação no interlocutor que o faz agir sobre o mundo. Essa concepção de uso da língua opõe-se ao pensamento de Ferdinand de Saussure que concebe a comunicação como um circuito fechado limitado ao ato cognitivo comunicacional, no qual “a língua tem uma parte ativa e uma parte passiva: é ativo tudo o que vai do centro de associação de um dos sujeitos à orelha do outro sujeito, e passivo tudo o que vai da orelha deste ao seu centro de associação” (Saussure, 1967, p. 29). Cada mandamento, proferido nas estrofes do poema, incita, assim, os romeiros a uma forma de comportamento:

O primeiro mandamento:
 “Não derrube os pés de pau”
 Deixe a planta quietinha
 Qu’ela nunca lhe fez mal
 Dá é sombra, boa sorte,
 Deixa lindo o seu quintal. [...]

No mandamento dizia:
 “Não plante em ladeira, não”
 Nem terreno inclinado,
 Qu’a chuva leva do chão
 A riqueza, o nutriente
 Da semente a brotação. [...]

Padre Cícero, então tratou
 De um plano organizar
 Envolvendo toda a gente
 Num projeto popular
 Entregando as sementes
 Pro romeiro semear (Ibidem, p. 4-5).

Estes versos de caráter performático encenam um espetáculo público religioso pelo qual o Padre, em discurso direto indicado pelo uso das aspas, propulsa a sua voz à plateia de fiéis, que escuta a mensagem da Mãe das Dores. A escolha da figura carismática de Padre Cícero como pregador é aqui fundamental como “corporeidade” humana imaginada (Zumthor, 2007, p. 16) para emocionar o público, pois, no mundo do cordel, assim como na lírica medieval, “o poema assim se ‘joga’: em cena (é a performance) ou no interior de um corpo e de um espírito (é a leitura)” (Zumthor, 1993, p.227-228). Força comunicativa semelhante associando o signo verbal (escrito/oral) e o corpo (pregador/escritor e leitor/ouvinte) é conseguida nos sermões de Padre Antônio Vieira. No *Sermão da Sexagésima* por ele escrito em prosa, em 1655, e proferido na Capela Real de Lisboa, temos também uma analogia entre o semear e a difusão da palavra divina através do deslocamento espacial:

E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o pregador! Ouçamos o

Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 28, jul-dez, p. 6-22, 2025 - 2ª edição

Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe. *Ecce exiit qui seminat, seminare*. Diz Cristo que “saiu o pregador evangélico a semear” a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas também faz caso do sair: *Exiit*, porque no dia da messe hão-nos de medir a sementeira e hão-nos de contar os passos. O Mundo, aos que lavrais com ele, nem vos satisfaz o que dispendeis, nem vos paga o que andais. Deus não é assim. Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto (Vieira, 1965, p. 1-2).

O poema de Padre Antônio Vieira deve ser lido no contexto das grandes navegações portuguesas, numa apologia clara às missões evangelizadoras da época. No texto de Sandra Alvino, no entanto, não temos a sombra do conquistador por detrás dos versos. A palavra divina é aquela de uma mulher santa, musa inspiradora da poetisa/pregadora que tem como objetivo político através do seu texto, não a redução do leitor à fé cristã, mas a sua conscientização ecológica. E a ação interventiva da escritora sai do plano simbólico ao oferecer ao leitor um saco de sementes de plantas da caatinga grampeado ao folheto de cordel. Assim, o seu poema pode ser também lido como um livro de receitas para curar o estado de destruição do planeta, inspirando-se num conhecimento profundo sobre as plantas regeneradoras transmitido pela sua avó cabocla. Nomes de espécies endêmicas, muitas delas desconhecidas em outras regiões do país, povoam os versos de Sandra Alvino, exprimindo uma intenção claramente formativa e informativa visando alcançar leitores fora da sua região:

Plante um dia uma Algoroba,
Outro dia um Sabiá.
Um Caju, uma Moringa...
Plante a planta que gostar
Uma árvore todo o dia,
Você deve semear! (*Ibid.*, p. 06).

E a imagem vislumbrada da concretização da missão civilizadora do homem nordestino para o mundo encerra o poema, subvertendo definitivamente o discurso político de submissão às catástrofes naturais ao qual fora secularmente confinado. Eis a reinvenção do Nordeste versejada por Sandra Alvino e sonhada pelas mulheres ambientalistas da Aldeia da Luz:

Imagine o Nordeste
Todo verde, florestando
Cada ave gorjeando
Mar e rio preservado
O Brasil e o planeta
Será todo abençoado (*Ibid.*, p. 8).

3 A coleção Fanka Santos e as sementes da Aldeia da Luz em solo francês

No folheto de Sandra Alvino, como nos livros convencionais, temos um posfácio, situado na terceira capa do livreto, que propõe uma análise da obra ao fim da leitura. A autoria é de Fanka Santos, que preferiu não o assinar, de forma a assumir uma voz coletiva, em nome do projeto de reflorestamento da Aldeia da Luz. No título dado à sua análise, ela designa os versos da sua companheira cordelista e ambientalista pelo termo “Sementes de luz”, numa clara associação ao instituto do qual ambas fazem parte. E acrescenta um subtítulo, no qual classifica o texto como uma “simpatia”, com o objetivo de “reflorestar o Nordeste, o Brasil e o mundo”. Vemos, portanto, que o texto foi recebido por esta crítica literária de uma forma mais sincrética e inclusiva; características, estas, associadas ao termo “simpatia”, em contraposição a “mandamento”, oriundo do vocabulário dogmático cristão. Remetendo a um conjunto de práticas e rituais que visam a utilizar forças espirituais diversas para influenciar situações no sentido desejado, o uso da palavra “simpatia”, percebido popularmente, por vezes, como uma profanação ao catolicismo imposto, parece-nos, efetivamente, mais alinhado com o texto da escritora.

Além disso, nesta leitura crítica, temos reforçada a ideia de que Padre Cícero foi apenas um “herdeiro” e “ouvinte” da verdade revelada pela avó cabocla do eu lírico feminino, que lhe fora, por sua vez, apresentada por Mãe das Dores. O papel das mulheres na transmissão dos saberes tradicionais, através das suas vozes e da sua presença física enquanto “corporeidade” (Zumthor, 2007, p. 16) junto ao seu grupo social, sobressai na leitura feita por Fanka. Seja como personagens ou autoras, a importância de representar esses corpos femininos e fazer escutar as suas vozes é aqui, portanto, reafirmada.

E, como por ela previsto, essas vozes femininas saíram do círculo das romarias de Juazeiro do Norte, do sertão do Cariri, do Nordeste e, mesmo, do Brasil. A campanha de reflorestamento da Aldeia da Luz, nos seus belos versos acompanhados de explicações sobre os projetos de permacultura desse instituto, foi apresentada aos alunos e professores da Universidade de Poitiers. Na voz de Fanka Santos, o texto de Sandra Alvino foi objeto de deleite poético, de estudo linguístico e literário, mas também serviu de suporte para a educação ambiental do público leitor/ouvinte. Essas “sementes de luz” criaram um engajamento social em solo francês, baseado no exemplo dado no Brasil. A parceria entre a Universidade de Poitiers e a pesquisadora/cordelista foi, assim, reforçada para além do âmbito puramente acadêmico.

A relação de Fanka com essa universidade é antiga e perene. Nela, fez uma parte das pesquisas que contribuíram para o seu doutorado em Literatura e Cultura, defendido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2009. E, posteriormente, em 2013, nessa mesma

instituição francesa, concluiu um pós-doutorado em Linguística. Nesse mesmo ano, legou ao CRLA-*Archivos* a sua coleção de cordel feminino. Contendo, inicialmente, 785 folhetos de 213 autoras e 34 ilustradoras e xilógrafas, esse material passou a integrar o Acervo Raymond Cantel. Tratou-se de um trabalho de coleta e de estudo que durou duas décadas e sobre o qual ela publicou uma obra intitulada *O livro Delas: catálogo de mulheres autoras no cordel e na cantoria nordestina* (Santos, 2020). Sobre esse trabalho de publicação, Fanka comenta: “foi essa ausência da presença feminina na historiografia, um dos principais motivos pelos quais iniciei, em fins da década de 1990, o trajeto que me permitiu compor um livro-catálogo” (Santos, 2020, p. 219). Quanto à importância da Universidade de Poitiers e do CRLA-*Archivos* nesse trajeto, ela explica que, a partir de 2008, no âmbito do seu doutorado-sanduíche na França, ela pôde enxergar e traçar o seu itinerário de pesquisa no qual combinou correntes pós-modernas questionadoras “do viricentrismo (mulher e gênero), do scriptocentrismo (poéticas das vozes da oralidade, transição de oralidade para escrita, a noção de testemunho) e o da crítica do nacionalismo do discurso vigente” (*Ibid.*, p. 222).

A importância do Acervo Raymond Cantel, constituído por mais de 5000 folhetos⁶, incluindo aqueles colecionados pelo seu fundador, Raymond Cantel, e as doações de outros escritores e pesquisadores como Fanka, é ponto assente entre os produtores de cordel e especialistas da área. Esse professor e pesquisador francês contribuiu, de forma inquestionável, para que, a partir do exterior, o cordel pudesse ser valorizado e protegido. Esse acervo é fruto de um percurso de mais de meio século, unindo conhecimentos e trabalhos bilaterais de pesquisadores brasileiros e franceses com o intuito de salvaguardar, estudar e divulgar o que é hoje um “bem patrimonial brasileiro desterritorializado” (Marques, 2025, p. 131). Ou seja, esses esforços conjuntos conseguiram ultrapassar as dificuldades e restrições de várias ordens dos respectivos Estados nacionais envolvidos, cedendo lugar a um fluxo contínuo de partilhas, trocas, reapropriações e responsabilizações coletivas. O próprio conceito de patrimônio, interpretado comumente de forma atávica, associado a um Estado nacional único, limitado a um só território com suas redes de socialização autóctones, é aqui colocado em questão.

O legado de Fanka faz parte, portanto, de um movimento de sinergia em torno do cordel agenciado por Raymond Cantel. Desde os anos 60, Cantel participou de ações para a criação

⁶ Para saber mais sobre as coleções do Acervo Raymond Cantel: <https://cordel.edel.univ-poitiers.fr/collections/show/3>. O número de documentos do acervo aumentou consideravelmente com a doação feita recentemente pela pesquisadora Sylvie Debs, ex-professora da Universidade de Strasbourg, especialista em cinema brasileiro. Sua doação de cordel (folhetos, livros, xilogravuras, correspondências com artistas e manuscritos de texto) ainda está em curso de catalogação pela equipe da Biblioteca de Ciências Humanas e Letras da Universidade de Poitiers. Esses documentos encontram-se na sala de coleções notáveis dessa biblioteca.

do acervo e de catálogos e antologias de cordel da Fundação Casa de Rui Barbosa. Mas ele contou também com a ajuda da linguista Elza Tavares, dessa instituição, para o tratamento da sua coleção, que já contava com 2.000 títulos na época. Em 1966, ao cofundar o CRLA (atual CRLA-*Archivos*), consolidou definitivamente a Universidade de Poitiers como um “lugar de memória” para o cordel em solo francês, um bastião para uma arte oriunda de um Brasil marginalizado (Marques, 2025, p. 131-132).

A presença da poetisa Fanka Santos nessa instituição, em 2025, no ano da Temporada Cruzada França-Brasil, reforça a ideia desse acervo como “lugar de memória” (Nora, 1984) para o cordel. Durante a sua estadia, além de dar aulas sobre cordel feminino e ecológico aos alunos e colegas dessa instituição, com explicações sobre a filosofia e técnica da permacultura, Fanka enriqueceu a sua coleção de cordel feminino, que passou a contar com 841 livretos⁷, dentre os quais o folheto ecológico de Sandra Alvino, acompanhado do seu saquinho de sementes. Um pedaço da flora do Cariri está, portanto, conservada nos arquivos de literatura popular brasileira de Poitiers, e certamente em alguns quintais pela França. Além desse poema, muitos outros textos da sua coleção abordam ainda a questão da preservação ambiental, podendo ser explorados em pesquisas sob o viés ecofeminista. Eles foram digitalizados e podem ser enviados por e-mail⁸ a pesquisadores interessados de todas as partes do mundo.

A coleção Fanka Santos pode ser, assim, interpretada como um gesto de reparação histórica, visando a dar existência e permanência a vozes femininas ausentes da historiografia do cordel. Trata-se assim de um contra arquivo que instaura uma prática arquivística para o futuro. Nesse sentido, Rodney G. S. Carter explica que

a noção de que os arquivos são locais neutros, sem interesses envolvidos, foi abalada pelos tratamentos filosóficos e teóricos atuais do conceito de “Arquivo”; hoje é inegável que os arquivos são espaços de poder. O poder arquivístico é, em parte, o poder de permitir que vozes sejam ouvidas. Ele consiste em destacar certas narrativas e incluir certos tipos de registros criados por determinados grupos. O poder do arquivo se manifesta no ato de inclusão, mas esse é apenas um de seus componentes. O poder de excluir é um aspecto fundamental do arquivo. Inevitavelmente, há distorções, omissões, apagamentos e silêncios no arquivo. Nem toda história é contada.⁹ (Carter, 2006, p. 216)

⁷ Recenseamento feito em maio de 2025, dados fornecidos pela equipe de tratamento da coleção Fanka Santos, sob coordenação da profa. Angélica Amâncio.

⁸ Aguardando a publicação dos folhetos on-line, eles podem ser enviados em formato digital, após assinatura de um termo de responsabilidade. O contato deve ser feito por e-mail com a professora Angélica Amâncio, responsável pelo acervo: angelica.amancio@univ-poitiers.fr.

⁹ Tradução nossa: “The notion that archives are neutral places with no vested interests has been undermined by current philosophical and theoretical handlings of the concept of the “Archive”; it is now undeniable that archives are spaces of power. Archival power is, in part, the power to allow voices to be heard. It consists of highlighting certain narratives and of including certain types of records created by certain groups. The power of the archive is witnessed in the act of inclusion, but this is only one of its components. The power to exclude is a fundamental

O gesto arquivístico de Fanka, apoiado pela Universidade de Poitiers, dá, além disso, legitimidade a esses textos como documentos dignos de estudo de forma completa, para além da sua materialidade de artefato, podendo ser estudados tanto no que se refere à criação do texto poético e da sua ilustração, quanto à sua forma de produção editorial e de circulação junto ao público. Novos documentos sobre essas redes de criação e produção, assim como sobre a gênese dos textos e ilustrações, podem vir a completar a coleção no futuro. Sendo o cordel patrimônio cultural imaterial brasileiro desde 2018, juntamente com os seus bens conexos, a xilogravura e a cantoria, um novo campo de pesquisa sobre esse bem cultural patrimonial, focado nas redes de criação, sociabilização e empreendedorismo agenciadas por mulheres, despertará certamente o interesse dos pesquisadores.

Muito além da grande coleção de folhetos colecionados por Cantel, as coleções sonora e bibliográfica, constituídas a partir de doações, estiveram na gênese da pesquisa de Fanka e na sua iniciativa de colecionadora. Foi ao escutar dois depoimentos, o de Marcus Vinícius Athayde, filho de João Martins de Athayde, sobre o papel de sua irmã, Maria Athaíde, como ilustradora anônima das capas dos folhetos feitos por seu pai; assim como aquele de José Bernardo da Silva, sobre a importância da ajuda oculta da sua nora xilógrafa para o desenvolvimento artístico e financeiro do seu trabalho, que Fanka teve a consciência do apagamento das mulheres da história do cordel:

Tendo a oportunidade de vasculhar arquivos e coleções, públicas e pessoais, encontrei, no *Centre de Recherches Latino Américaines – Fonds Cantel* [sic], da Universidade de Poitiers, na França, um importante acervo de entrevistas em fita K7 que o professor Raymond Cantel e suas alunas pesquisadoras fizeram com os poetas e editores no Brasil. Entre essas entrevistas duas se destacam: a realizada com o filho de João Martins de Athayde, Marcus Vinícius Athayde, e uma fita gravada com o editor José Bernardo da Silva, ambas na década de 1970. [...] O depoimento de Marcus Vinícius Athayde revela como a presença das mulheres, atuando como produtoras ao lado dos poetas, foi um fato cultural inquestionável, porém, despercebido ou mesmo descartado pelos historiógrafos e críticos. Um depoimento do editor e poeta José Bernardo da Silva, em 1970, confirma que o caso da filha de Athayde não constitui uma simples exceção à regra da autoria feminina (Santos, 2020, p. 226-227).

Assim, a coleção Fanka Santos, doada ao acervo do pesquisador Raymond Cantel, tem o intuito de fomentar novas pesquisas, mais aprofundadas, sobre a presença feminina em todas as áreas de produção do cordel, e não apenas na escrita do texto poético. O folheto ecofeminista de Sandra Alvino é um excelente exemplo das redes sociais complexas entrelaçadas em

aspect of the archive. Inevitably, there are distortions, omissions, erasures, and silences in the archive. Not every story is told”.

diversos campos – arte, educação, cultura, economia, política, preservação ambiental, cidadania – na criação de uma obra de cordel. E, no caso específico desta obra, temos tanto uma amostra do patrimônio cultural imaterial brasileiro, como do patrimônio genético do seu ecossistema. Cabe, ainda, salientar que este cordel foi realizado graças a uma ação de empreendedorismo feminino cooperativo que concebeu desde a produção poética, passando pela sua realização material ecológica e autofinanciada, até a concepção de um modo de distribuição eficaz, que atingiu um público numeroso, que se torna, por sua vez, agenciador desse produto cultural.

Por tudo isso, no dia 14 de fevereiro de 2025, no âmbito da jornada de estudos “Acervo Raymond Cantel em evolução: conservação, comunicabilidade e pesquisas recentes França-Brasil”¹⁰, ao apresentar, enfim, o seu livro-catálogo em solo francês e ao lançar, oficialmente, a sua campanha de reflorestamento em escala internacional, Fanka reafirmou, definitivamente, o estatuto do Acervo Raymond Cantel como um “lugar de memória” transfronteiriço para o cordel, espaço arquivístico aberto a novas vozes e formas de criação.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVINO, Sandra. *O dia em que Padre Cícero recebeu os mandamentos ecológicos da Mãe das Dores*. Barbalha: Instituto de Permacultura da Caatinga Aldeia da Luz e Instituto Novo Sol, 2015.

AUSTIN, John Langshaw. *Quand dire c'est faire*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

MARQUES, Karina. Acervo Raymond Cantel: o “lugar de memória” do cordel em solo francês. *Questões linguísticas, literárias, artísticas e históricas em países de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2025. p. 113-138.

BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe. I, Les faits et les mythes*. Paris: Gallimard, 1993.

CARTER, Rodney G.S.. Of Things Said and Unsaid: Power, Archival Silences, and Power in Silence. *Archivaria, The journal of the Association of Canadian Archivists (ACA)*, Ottawa, v. 61, p. 215-233, set. 2006.

COLLOT, Michel. Écocritique vs écopoétique ?. *Acta fabula*, Paris, v. 24, n. 6, jun. 2023. Disponível em: <http://www.fabula.org/acta/document16626.php>. Acesso em: 16 jun. 2025.

¹⁰ Site do evento: <http://crla-archivos.labo.univ-poitiers.fr/publicacao-do-volume-70-da-colecao-archivos-2/>. Acesso em : 18 de agosto outubro de 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, Chicago, v. 140, n. 1, p. 139-167, 1989.

GAARD, Greta. Ecofeminism Revisited: Rejecting Essentialism and Re-Placing Species in a Material Feminist Environmentalism. *Feminist Formations*, Baltimore, v. 23, n. 2, p. 26-53, 2011.

NOGUEIRA, Carlos. O ciclo “natureza e ecologia” na literatura de cordel brasileira. *Caravelle*, Toulouse, v. 98, p. 185-201, 01 jun. 2012.

NOGUEIRA, Carlos. Literatura de cordel brasileira, ecología y enseñanza del portugués. *Ocnos*, Toledo, v. 10, p. 147-157, 16 set. 2013.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire : la problématique des lieux. *Les Lieux de mémoire*. Tome 1: La République. Paris: Gallimard, 1984. p. XVII-XLII.

SANTOS, Francisca Pereira dos. O Livro delas: autoria feminina no cordel, cantoria e gravura. *Interdisciplinar*, São Cristóvão, v. 33, p. 218-230, 2020.

SANTOS, Francisca Pereira dos. *O livro Delas*: catálogo de mulheres autoras no cordel e na cantoria nordestina. Fortaleza: IMEPH, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1967.

VIEIRA, Antônio. Sermão da sexagésima. *Sermões Escolhidos*. v.2, São Paulo: Edameris, 1965. Disponível em:
<http://www.culturatura.com.br/obras/Serm%C3%A3o%20da%20Sexag%C3%A9sima.pdf>.
 Acesso em: 16 jun. 2025.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, réception, lecture*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Recebido: 30/08/2025

Aprovado: 18/10/2025

Publicado: 27/12/2025